

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: MTR 03301

09/02/79

'Raoni', um filme índio — candidato ao Oscar

IZILDA ALVES

"Raoni", vencedor do recente Festival de Gramado, no Rio Grande do Sul, pode até ganhar o Oscar deste ano como o melhor documentário: ele é um dos pré-selecionados para concorrer a este prêmio máximo nos Estados Unidos. No próximo dia 20, o júri escolherá quatro desses *feature documentary* (de qualquer nacionalidade), que irão para a final, a 9 de abril.

Ontem, "Raoni" foi exibido em sessão especial, às 21h, no MIS (Museu da Imagem e do Som), em São Paulo, e no mês que vem estreia nos cinemas paulistas. O produtor, Pierre Louiz Saguez, adianta que já está acertada a exibição do filme nos Estados Unidos, tendo Marlon Brando como narrador. Brando, que é um dos atores mais interessados pelo problema do índio nos Estados Unidos, pretende vir brevemente ao Brasil, para ver de perto os índios do Parque Nacional do Xingu, onde foi filmado "Raoni". E sua intenção trazer um dos caciques dos peles-vermelhas norte-americanos para estabelecer um contato, com seus irmãos brasileiros.

"Raoni" é um documentário em que os próprios índios expõem os seus problemas. Tem como personagem central o cacique dos Mekronotis, que dá o título ao filme e com quem a equipe de filmagens conviveu durante um mês e meio, a partir de março de 76. Filmado em cinemascópio, em cores, tem 1h24' de duração. Um dos detalhes técnicos que mais contribuem para desecadear emoções é o fato de ele ter sido gravado em som direto, envolvendo os espectadores com as vozes da floresta. É um documentário que fala do cotidiano dos índios e os problemas de sobrevivência provocados pela invasão de suas terras; mostra a violência dos tratores destruindo a floresta; apresenta o verdadeiro Arntana; e revela, entre outros problemas, o das mulheres índias que já não querem ter filhos porque eles morrerão de gripes ou de tuberculose trazida pelos brancos.

Um fato que só após as filmagens foi descoberto pela equipe: numa reunião dos caciques, o chefe de guerra dos Mekronotis propunha a morte dos brancos, a começar por aqueles que estavam ali. Raoni interveio, explicando à tribo que aqueles brancos da máquina preta (a câmara) iriam ajudar a causa dos índios. Consta do filme, também, o encontro dos

caciques liderados por Raoni, com o presidente da Funai general Ismarth de Oliveira. Nessa reunião, os chefes-índios expuseram ao general a necessidade de demarcar as terras e comunicaram que, pela primeira vez, as tribos estavam-se unindo para salvar a identidade do povo índio. O general Ismarth, que, na semana passada, assistiu a "Raoni", em Brasília, gostou do filme, pedindo apenas que fosse incluída, no final, a informação de que o problema da demarcação das terras já está resolvido: a reserva do Parque Nacional do Xingu está hoje estabelecida em 25 mil quilômetros quadrados.

"Raoni" concorreu em Gramado e ganhou os prêmios de melhor filme, melhor fotografia, melhor música e melhor edição. Musicado por Egberto Gismonti, narrado por Paulo Cesar Peire e montado por Vera Freire, Raoni teve toda a sua produção feita no Brasil: da compra dos filmes à montagem final. Custou 2 milhões de cruzeiros, foi produzido por Pierre Louis Saguez, que há sete anos se dedica ao cinema no Brasil — foi um dos fundadores da Filme Três — e Barry Williams, inglês, tam-



Prêmio de Gramado

bém radicado no Brasil há mais de cinco anos e que é o responsável pelo som direto de "Raoni". A direção é de Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha (também o diretor de fotografia).

Jean Pierre Dutilleux nasceu na França, tem 29 anos, é membro da *International Survival*, fundação de ajuda às minorias tribais do mundo, o que o levou a entrar em contato com os irmãos Villas-Boas desde 73, quando chegou ao Brasil. Sobre "Raoni", ele comenta: "Os índios do filme ainda estão vivos graças aos irmãos Villas-Boas. Mas devemos pensar nos outros índios do Brasil, atualmente sem essa proteção; e nas outras minorias tribais do resto do mundo, descobertas, admiradas e destruídas".

Luiz Carlos Saldanha é carioca, tem 34 anos, e iniciou-se em cinema no curso de Arne Sucksdorff, promovido pelo Itamarati e Unesco, em 1963. Fez a direção de fotografia de filmes como "A Maioria Absoluta", de Leon Hirszman, "Jornal do Brasil", de Nelson Pereira dos Santos, e "Câncer", de Glauber Rocha. Sobre as filmagens de "Raoni", ele conta: "Para conseguirmos a colaboração dos índios, exibimos para as tribos, parte do material filmado em 16 mm. E daí entenderam o que era aquele objeto negro (câmara) que nós venerávamos e que estava sempre no centro de nossas atenções. Passamos um mês e meio entre os Mekronotis. Fomos caçar, procurar o Megarom (espírito das águas), que não encontramos. Mas eles juram que existe uma tribo de homens que vivem dentro da água e que, de tempo em tempo, são visíveis e que tomam sol à beira das praias dos rios menores." E comenta: "Pretendo dedicar os próximos anos da minha carreira à conscientização do civilizado para o problema dos índios, para que ele entenda que outras civilizações são possíveis e que a terra do índio deve ser respeitada como Nação."

Aprovado pelos próprios índios Mekronotis, liberado pela FUNAI, com certificado do Concine, e elogiado por antropólogos como Darci Ribeiro, "Raoni", como define o produtor Pierre Louiz Saguez, "é um filme índio". E como disse o cacique Raoni: "Tem índio também na América do Norte, eles estão brigando pela terra deles. É muito bom para nós. Os brancos querem acabar com a gente. Nós vamos brigar juntos. Eles são índios. Eu também. Eu sou Raoni, índio Mekronoti".